

“She's a brain. Trapped in the body of a game show hostess”: As representações das temáticas de escola e gênero no filme “Digam o que quiserem”¹

Débora Tamires Porcel²

Marilene Noriko Treider Otani³

Resumo: O cinema, entendido como uma ferramenta que define, transforma e cria subjetividades, possibilitando a apreensão de outras experiências, torna-se objeto fundamental nas análises sociológicas. A proposta deste artigo é a discussão da representação da educação e gênero, por meio da análise de discurso, no filme “Digam o que quiserem”, escrito e dirigido por Cameron Crowe (EUA, 1989). O filme retrata o namoro entre Diane e Lloyd após a conclusão do ensino secundário: ela, estudante brilhante, recebe uma bolsa para estudar na Inglaterra; ele, diletante, faz do relacionamento amoroso a razão de sua vida. A educação é colocada como elemento que motiva os conflitos entre os personagens, no sentido de questionar quais devem ser as prioridades na vida do jovem que conclui o Ensino Médio. Com relação a temática de gênero, o presente trabalho procurou problematizar a naturalização da feminilidade dependente emocionalmente e a masculinidade puramente racional.

Palavras-chave: Representação, Gênero e Educação.

¹ Este artigo resulta de leituras e reflexões realizadas no grupo de pesquisa *Olhares sobre a escola: a educação nos discursos de entretenimento*. Com relação ao título a tradução é “Ela é um cérebro, presa no corpo de uma apresentadora de TV”. (Tradução nossa).

² Acadêmica de Ciências Sociais na Universidade Federal do Paraná.

³ Acadêmica de Ciências Sociais na Universidade Federal do Paraná.

Abstracto: El cine, entendido como una herramienta que define, transforma y crea subjetividades, dando la posibilidad de aprehender experiencias, se vuelve un objeto fundamental para el análisis sociológico. La propuesta de este artículo es la discusión de la representación que tiene la educación y el género, a través del análisis del discurso que se presenta en la película “Digan lo que quieran”, escrita y dirigida por Cameron Crowe (EUA, 1989). La película retrata el noviazgo entre Diane y Lloyd después de la conclusión de la escuela secundaria: ella, una estudiante brillante, recibe una beca para estudiar en Inglaterra, él, diletante, hace de la relación amorosa la razón de su vida. La educación es puesta como el elemento que motiva los conflictos entre los personajes en el sentido de cuestionar cuáles deben ser las prioridades en la vida del joven que concluye la enseñanza media. Con relación a la temática de género, el artículo buscó problematizar la naturalización de la feminilidad dependiente emocional y la masculinidad solamente racional.

Palabras clave: Representación, Género y Educación.

Introdução

Teóricos de diversas áreas discutem o que é o sentido da visão. Desde seu aspecto biológico, passando por sua importância em variadas culturas, a visão apreende em sua complexidade diversos sentidos e leituras. O real, o imaginado, a percepção e o sensível são discutidos, muitas vezes, a partir da possibilidade de “ver”. Desenvolvem-se novas técnicas para reconhecer o mundo através dos olhos. Câmeras digitais

com maior número de pixels, cinemas 3D que aumentam a sensação de “realidade”, televisões em “*high definition*”, espetáculos teatrais, musicais e circenses que envolvem cada dia mais luzes e efeitos visuais, são exemplos próximos que povoam as lojas e, também, o lazer em grandes cidades.

Antropólogos como David MacDougall ampliam o debate sobre a “leitura” de imagens agregando outro elemento na apreensão do sentido. A imagem, além de captada pelo sentido da visão, é entendida e lida dentro de plano cultural e ressignificada a partir de sensações e percepções que são também “guiadas pelos interesses culturais e pessoais”, sendo a percepção também um agente que permite alterações e ampliações desses interesses.⁴

Nossa visão já é profundamente predeterminada. Muito do conhecimento que ganhamos por meio dela e dos demais sentidos e a forma como a dirigimos são altamente organizados. Em grande medida, isso não é uma questão de escolha, mas do nosso condicionamento cultural e até mesmo neurológico.⁵

A leitura de uma imagem é uma relação dialógica em que a imagem significa, mas também é interpretada através dos olhos do observador. No campo cinematográfico essa relação pode ser entendida

⁴ MACDOUGALL, David. *Significado e ser*. IN: BARBOSA, Andréa. CUNHA, Edgar Teodoro da. HIKIJI, Rose Satiko Gitirana. (Orgs.) *Imagem-conhecimento – Antropologia, cinema e outros diálogos*. Campinas, SP. Editora papirus, 2009.

⁵ *Ibid.*, p. 62-63.

através do voyeurismo, uma contemplação do observador que aprecia a imagem. Para Christian Metz, a relação do público com o cinema se dá em um jogo em que a relação do “*vouyer*” se estabelece em outros termos:

O exibido sabe que é olhado, outra coisa não deseja, se identifica com o voyeur, para quem ele é objeto (mas que também o constitui como sujeito). (...) o filme não é exibicionista. Eu olho para ele, mas não ele para mim a olhá-lo. Contudo, sabe que o olho. Mas faz que não sabe.⁶

1. A Produção Cinematográfica e o Imaginário Social

Num amplo campo de possibilidades, as artes visuais proporcionam excitações do sensível e podem variar em suas abordagens e em sua utilização de tecnologias de execução. A indústria cinematográfica produz milhões de filmes por ano. Polos como Hollywood e Bombaim são referências imediatas de locais de concentração de estúdios capazes até de significar a própria produção cinematográfica, com o claro alijamento de Bombaim no Ocidente. É muito comum ouvir falar em “filmes hollywoodianos” como uma categoria, um gênero de cinema, apesar de ser bastante impreciso.

⁶ METZ, Christian. História/Discurso (notas sobre dois voyeurismos). In: XAVIER, Ismail (Org.). A experiência do cinema: antologia. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1983.

Bombaim, ao ser comparada à Hollywood, pelas somas astronômicas que movimenta e o público de milhões, ganhou o apelido de “Bollywood”⁷ fruto de um imperialismo cinematográfico, pois necessita ser citada em relação aos Estados Unidos e à lógica do capital, apesar de sua expressividade quantitativa no mercado mundial já ter ultrapassado a produção deste último.⁸

Filmes marcam gerações, épocas, acontecimentos, transformações históricas e sociais, como o filme da série Rocky, por exemplo, que pode ser lido como arma panfletária na época da Guerra Fria. Rocky IV trata do duelo entre o boxeador estadunidense, Rocky Balboa (Silvester Stallone) frente ao gigante, impassível, quase mecanizado boxeador russo Ivan Drago (Dolph Lundgren). Rocky o desafia e vence no final, após o boxeador russo ter assassinado friamente no ringue seu amigo, Apollo (Carl Weathers).

Rocky IV simboliza a luta de Davi e Golias,⁹ um pequeno lutador Rocky/Davi que parece não ter chances frente ao monstruoso

⁷ PAULA, Anna Beatriz. “*Cinema Popular Indiano: o feminino interrompido*” In: IN: Mulheres, Homens, Olhares e Cenas. Curitiba: Editora UFPR, 2011.

⁸ Em um plano geral, a Índia é a maior produtora de filmes de ficção do mundo, produzindo em média setecentos a mil filmes por ano, excluindo os produzidos para a televisão. Ver em SHOHAT, Ella STAM, Robert. Crítica da imagem eurocêntrica. São Paulo. Cosac Naify, 2006.

⁹ Imagem 1. Disponível em: <http://www.google.com.br/imgres?imgurl=http://1.bp.blogspot.com/Oj94Upj6agM/T hHZjCT3II/AAAAAAAAAdE/DL1WF2br_fw/s1600/rocky4.jpg&imgrefurl=http://w alkerpercyhero.blogspot.com/2011/07/rockyiv.html&h=750&w=760&sz=136&tbnid= JEhLmvSndlnsLM:&tbnh=90&tbnw=91&zoom=1&docid=RkeYek8wrZStM&sa=X>

inimigo Drago/Golias, mas sua fé e perseverança farão o improvável acontecer. Rocky viaja para a fria e cruel Rússia, onde os treinamentos assemelham Drago a uma máquina incansável, monitorada por cientistas. Enquanto a construção do personagem estadunidense nos dá o mais humano dos seres, capaz de se sensibilizar e emocionar a todo o momento gerando um tipo de empatia com os telespectadores, pois Rocky luta em nome de valores partilhados por nossos padrões sociais, como a amizade e a honra.



Imagem 1.

Ideologias políticas utilizadas através do cinema são conhecidas desde o nazismo, quando Hitler percebeu a importância das imagens e da comunicação para a construção de imaginários e ideias. Rocky IV é somente um dos exemplos de filmes que marcaram épocas na construção e consolidação de redes de elementos simbólicos extraídos do cinema que “traduzem e falam” sobre momentos sociais e históricos.

1.2 Representações de Gênero

A produção cinematográfica é um objeto sociológico capaz de se misturar e dialogar com inúmeras culturas e gerações. No presente trabalho esse objeto é explorado através da análise do filme *Say Anything*¹⁰ (Digam o Que Quiserem) – escrito, filmado e produzido por Cameron Crowe – elenco: John Cusack, Ione Skye, John Mahoney e Lili Taylor.

Crowe é de uma geração nos Estados Unidos que escreve e dirige seus próprios filmes. Além dele, podemos citar John Hughes, considerado por alguns como o pai dos filmes do gênero “teen”¹¹. Crowe identifica essa aproximação: *“I saw all of those [Hughes teen] movies, and knew John Hughes a little bit, and felt like a fellow*

¹⁰ *Say Anything*. Direção de Cameron Crowe. Universal Pictures: Dist. PolyGram Filmed Entertainment, 1989. 1 filme (1h40min), sonoro, legenda, colorido.

¹¹ Entre a filmografia de Hughes se encontram filmes como : *Curtindo a Vida Adoidado*, *Clube dos Cinco* e *Mulher Nota Mil*.

warrior".¹² Além da temática da juventude são recorrentes trilhas sonoras fortes com canções que simbolizam gerações para além de apenas compor a trilha do filme. Entre a trilha sonora e as imagens há uma equivalência, a música comunica sentimentos e pode falar na cena tanto quanto a imagem. Crowe e Hughes utilizavam músicas que eles amavam para estabelecer um elo entre eles e o público jovem. É um amor inocente e puro o vivido pelo casal e a escolha do tema cantado por Peter Gabriel constrói a paisagem sonora que faz sentir o quão verdadeiro é o sentimento que Crowe quer retratar no filme.¹³

A ideia inicial para o roteiro do filme era falar sobre uma garota brilhante e muito esperta que acaba escolhendo um cara que ninguém esperava ou acreditava muito, porque ela realmente sabia que ele a amaria da melhor forma; essa era a história de "*Say Anything*". Segundo Crowe, o cara a amaria mais puramente do que seu próprio pai. Porém, aos poucos o roteiro foi mudando e o protagonista passou a ser o namorado da garota brilhante.¹⁴

Jonh Cusack teve um papel importante na criação do personagem. Ele não queria que Lloyd Dobler fosse naturalmente otimista, procurou explorar nele também um lado sombrio, reflexo da

¹² GORA, Susannah. *You Couldn't Ignore me If You Tried – The Brat Pack, John Hughes, and Their Impact on a Generation*. New York: Three Rivers Press, 2011. p. 251.

¹³ *Ibid.*, p. 252.

¹⁴ *Ibid.*, p. 257.

sociedade em que o ator cresceu: um tempo de escuridão em que se falava em Armageddon e guerra nuclear. Algumas das falas de seu personagem foram criadas por ele em parceria com Crowe. Em certo momento do filme, Dobler diz que deveria imaginar que o seu romance com Diane estaria fadado ao insucesso, pois tinham se conhecido em um shopping.

A trama gira em torno do relacionamento de Diane Court, a garota linda, mas que não sabe o quanto é linda e inteligente e Lloyd Dobler, o namorado, “campeão de mediocridade”, nas palavras do pai de Diane. Ela ganha uma bolsa para estudar na Inglaterra e está no topo da pirâmide do sucesso acadêmico, ele, para o futuro, só quer estar com Diane o máximo que puder até que ela viaje. Jim Court (John Mahoney) sempre foi um pai abnegado e amoroso com a única filha, e na separação dos pais, Diane escolhe ficar com ele, pois se sentia mais segura com o pai do que com a mãe. O pai da jovem planeja uma carreira promissora para ela e sempre investiu muito na preparação escolar da mesma, pagando-lhe muitos cursos extracurriculares. É dono de um asilo, onde cuida de pessoas idosas com a mesma dedicação aplicada à jovem. Na metade da narrativa passa a ser investigado sob a suspeita de desviar dinheiro de seus clientes.

À medida que Diane e Lloyd vão se conhecendo, o interesse dela cresce pelo rapaz que só quer estar com ela, que a faz rir, que a acompanha em todas as atividades e que sempre está cuidando dela.

Lloyd escreve uma carta de amor para Diane, logo após a primeira noite do casal, em que Diane o “atacou” no sentido de ter sido a garota a ter a iniciativa no intercuro sexual.

O dia de partir para Inglaterra estudar se aproxima, e Diane, influenciada pelo pai, termina o relacionamento com Lloyd, que desolado tenta reconquistar a moça. Ele lhe dá todo o seu amor, e ela lhe dá uma caneta, para que ele escreva enquanto ela estiver fora. Lloyd então faz a célebre serenata do “novo príncipe”.¹⁵ Parado em frente ao seu Chevy Malibu azul, ele segura no alto da cabeça um rádio, um “boom box” tocando Peter Gabriel, “*In your eyes*”,¹⁶ do lado de fora da casa dela.

¹⁵ Imagem 2. Disponível em: <http://www.mpshaw.co.uk/wp-content/uploads/2011/08/say-anything.jpg>. Acesso em 20/03/2014.

¹⁶ “Em seus olhos”. Durante todas as cenas em que Lloyd aparece olhando Diane até o momento em que eles saem, ele sempre cita “aqueles olhos”, falando apaixonadamente.



Imagem 2

Concomitante a isso Jim Court é condenado por desvio de dinheiro dos idosos do asilo. Com esse contexto, de aparente desamparo do pai, Diane corre para os braços de Lloyd, reatando com o namorado e viajando com ele para a Inglaterra.

Durante o desenvolvimento da narrativa do filme o personagem Lloyd vai ganhando profundidade. Primeiramente ele só tem essa vontade de ficar com Diane, parece às vezes até ingênuo com suas ideias e opiniões, além de várias cenas reforçarem que ele não merece ou é muito pouco para ela. Lloyd é construído desde a primeira cena para causar empatia por sua gentileza, carisma e afeição. Ele aparece no

quarto com as amigas conversando sobre o desejo de sair de novo com Diane e mostra-se titubeante diante da certeza do que realmente significa um “encontro”.

Além das amigas, ele também se relaciona bem com todos, tendo sempre a mesma atitude cuidadosa e afetuosa, como levar os bêbados do final da festa em casa, ou ajudar com os idosos no asilo do pai de Diane, mesmo não tendo muito jeito para lidar com os mesmos. Há muitas cenas do rapaz com o sobrinho, um simpático menino pequeno que é muito bem tratado pelo tio. Até na vida da estressada irmã, Lloyd parece agir com carinho e leveza, fazendo-a lembrar do quanto ela costumava rir, trazendo sorrir por alguns instantes e mostrando-se compreensivo com a situação afetiva ruim de Constance, mas ao mesmo tempo cobrando da irmã mais velha uma mudança de atitude para com ele, pois não era o ex-marido dela.

Aparentemente ele só é mais um garoto interessado na bonita e inteligente garota. Mas Lloyd cresce e seu romantismo e sinceridade conquistam por ser diferente dos outros jovens de sua idade, que aparentemente não querem sair com a mesma garota tempo suficiente para se apaixonarem. As amigas de Lloyd estão sempre falando das diferenças entre o casal, até que em um momento essa diferença parece já não existir. Elas comentam sobre o casal e confessam com uma pausa e um sorriso que na verdade, se fossem Diane Court poderiam, sim, se apaixonar por Lloyd por reconhecerem que ele é diferente dos demais.

Aqui se demonstra que o personagem mais atraente não é a linda estudante brilhante, mas o jovem sem perspectivas de um futuro sólido e apaixonado. As reflexões de Lloyd vão desconstruindo a falsa impressão de que ele se trata de um rapaz raso e sem horizontes, ao contrário, demonstram traços profundos de uma personalidade jovem que pensa sobre o futuro para além de um ensino formal inserido em uma lógica capitalista de produção e reprodução, ou mesmo com uma interessante posição sobre o exército – o qual ele chama de corporação, proposta que lhe é ofertada pelos pais e que mais tarde é reforçado em uma cena do filme com uma propaganda de alistamento militar enquanto o jovem assiste TV.

Uma das frases mais memoráveis do personagem acontece quando ele é questionado por Jim Court e alguns amigos da família a respeito de seu futuro profissional:

“Uh, I don't know. I've thought about this quite a bit sir, and I'd have to say considering what's waiting out there for me, I don't want to sell anything, buy anything or process anything as a career. I don't want to sell anything bought or processed, or buy anything sold or processed, or... process anything sold, bought or processed, or repair anything sold, bought or processed, you know, as a career I don't want to do that. So, uh, my father's in the army, he wants me to join, but I can't work for that corporation, so what I've been doing lately is kickboxing, which is really a, new sport, but I think it's got a good future”¹⁷.

¹⁷ Eu não sei, Eu, eu devo dizer que, eu não quero vender, comprar, ou processar algo como carreira, ou vender qualquer coisa processada, ou comprada, ou comprar

Diane é uma personagem que usa tons claros e harmoniosos de rosa, verde, azul e branco, roupas clássicas e delicadas, maquiagem leve. Seu quarto é construído para nos mostrar uma estudante que passou a vida toda cercada de livros. No lugar de fotos na parede, mapas desenhos do corpo humano. Os clássicos ursinhos, presentes na maioria dos espaços privados de adolescentes mulheres retratados nas mídias de entretenimento cedem espaços para cérebros e globos terrestres. Muitos livros em uma estante, dicionário de tamanho considerável, com muitas palavras marcadas pelo manuseio, microscópio, esse é um dos enquadramentos que vemos do quarto de Diane.

É na esfera do privado que os gostos dos personagens são criados para o espectador “ler” imageticamente, sem que isso precise ser explicitado em diálogo no filme. A personalidade do personagem pode até mudar e ser demonstrada através da troca dos objetos pessoais do mesmo em uma narrativa, como a personagem Tracy, do filme “Aos Treze” de 2003, que assinala a sua passagem para uma sexualidade juvenil jogando todos os seus ursinhos e objetos considerados infantis

qualquer coisa vendida e processada, ou... processar qualquer coisa vendida ou comprada, ou reparar qualquer coisa vendida comprada ou processada. Meu pai está no exército. Ele quer que eu me aliste, mas eu não posso trabalhar para aquela corporação. Então eu tenho treinado kickboxing. Que é um esporte novo, mas eu acho que tem um bom futuro. (Tradução nossa).

fora e substituindo por novos, como fotos de garotos e pôsteres de bandas.

Diane não teve tempo de conviver com os colegas de classe, pois sempre esteve ocupada estudando. Em sua formatura, parecia não conhecer ninguém. E mesmo quando vai com Lloyd em uma festa, todos e todas parecem surpresos em vê-la lá. Em um momento do filme, ela afirma que todos devem achar que ela é um robô. Mas ela não é o tipo de pessoa que causa repulsa nos colegas ou que seja deslocada. Ao contrário, todos parecem curiosos e quererem conhecê-la. As assinaturas de seu livro do ano demonstram isso:

“ Lloyd: Uh, did you... so what did they write in your book, what did they write to Diane Court?

Diane: Alright, this is some of the things they wrote me; "Glad I finally met you", "You always seemed nice", "Wish I could have known you more"..

Lloyd: Mine say stuff like "Lloyd, see you around maybe".

Diane: Nobody knew me before tonight.

Lloyd: They knew of you. Now they know you.

Diane: Yeah, but I feel like I fit in for the first time, you know? Like I just held them far away from me, and they did the same to me.

Lloyd: That's cool then.

Diane: Yeah. I'm so glad we did this.”¹⁵

¹⁵ Lloyd: Uh, você? Então, o que eles escreveram no seu livro? O que eles escreveram para Diane Court? Diane: Tudo bem, essas são algumas coisas que eles escreveram para mim: “Ainda bem que eu finalmente conheci você”, “Você sempre pareceu legal” e “Gostaria poder ter conhecido você melhor.” Lloyd: o meu diz coisas como” Lloyd, nos vemos por aí, talvez.” Diane: Ninguém me conhecia antes de hoje à noite. Lloyd: Eles sabiam sobre você. Agora conhecem você. Diane: Sim, mas eu sinto que eu me

Sem tempo para viver uma vida social condizente com a sua idade, Diane nos causa simpatia por ser uma boa filha, carinhosa com idosos, gentil, mesmo tendo qualidades que a destacam da maioria, e qualidades que são reforçadas durante toda a história, e por todas as personagens, principais ou secundárias. Diane não apresenta nenhuma manifestação de arrogância por seu destaque escolar ou reconhecimento de sua beleza. Ela só parece uma boa garota que está tendo a oportunidade de rir com um cara que a ama muito e não é seu pai, depois de ter estudado durante toda a vida.

Por outro lado Diane Court representa uma falsa ilusão emancipatória. Um primeiro olhar traz a sensação da libertação feminina, afinal, sua beleza e sua inteligência fora do normal parecem fazer dela um estandarte da liberdade feminina por meio da qualificação. Quando chega em casa, há inúmeros recados de rapazes aguardando o seu retorno e ela pode escolher com quem quer falar. De fato, durante toda a trajetória do filme Lloyd corre atrás de Diane e faz tudo somente para estar com ela. Afinal, suas qualidades são invejáveis, quem não gostaria de ser ou sair com Diane Court? Muitas cenas demonstram rapazes perguntando a Lloyd como ele conseguiu sair com ela.

encaixo pela primeira vez, sabe? Como eu sempre afastei eles de mim e eles fizeram o mesmo comigo. Lloyd: isso é legal então. Diane: Sim, Estou tão feliz que fizemos isso. (Tradução nossa)

Abrindo uma chave de reflexão, podemos nos perguntar quantos dos filmes que assistimos mesmo na linha “*teen*” *John Hughes*, trazem personagens femininas verdadeiramente emancipadas da agência masculina? Ou escapando à lógica de uma princesa que espera por um príncipe encantado? Diane, apesar de uma notável princesa, com qualidades jamais vistas (ser a melhor de dois continentes, estar no topo da pirâmide intelectualmente e ainda possuir um corpo de apresentadora de televisão, segundo as referências dadas no filme) não foge à regra. Lloyd não é o exemplo padrão de príncipe de conto de fadas, mas está ali para apoiá-la e proteger de qualquer maneira. Ele é o seu suporte quando a figura do pai lhe falta e acaba por lhe dar tanta segurança quanto o pai lhe deu no momento da separação da família.

A segurança de Diane encontra-se, antes de tudo, apoiada em duas figuras masculinas. E mesmo identificada como “perfeita” em várias partes do filme, ela não pode “ser” simplesmente sem o apoio de um dos dois. O estereótipo da mulher frágil, “Outro” em relação ao ser pleno, que é masculino, não poupou nem a inteligente Diane Curt. Duas cenas representam a dependência de um agente masculino que a guie e proteja. Com o pai, quando Diane recebe a notícia de sua aprovação em uma das mais disputadas universidades da Inglaterra e desfalece, sendo em seguida erguida pelos braços do pai. Ele é quem a coloca de pé e diz que precisa ser forte.

Diane só pode ser completa com a presença de um homem em sua vida. Não importa aqui a inversão dada pelo filme em que a mulher com a carreira profissional bem sucedida é seguida pelo homem sem perspectivas além do amor. Diane ainda representa a fragilidade feminina quando o namorado Lloyd tira os cacos de vidro para Diane passar e na cena seguinte aparece correndo livremente fora de perigo.

Outra passagem do filme que ilustra a fragilidade feminina é quando Diane e Lloyd embarcam em um avião para Inglaterra, onde a jovem irá ingressar na universidade, e o nervosismo e medo tomam conta da personagem que em seguida é acalmada e amparada nos braços de seu homem protetor. Como bem explica Joan Mellen, as representações femininas, mesmo quando tentam demonstrar imagens radicais, acabam por cair em desapontamentos:

A linguagem das mulheres independentes pode ser permitida de maneira relutante, mas a substância permanece inalterada. Se discursos da boca pra fora fornecem uma pseudo-emancipação de desafios contra as velhas imagens e os velhos valores, a tarefa real neste momento seria tão só polir a perspectiva hegemônica, agora fortalecida pela referência nominal à “consciência”. Este artifício é um método de cooptação. O cinema é uma arena na qual o processo foi refinado. Assim, a própria imagem de mulheres emancipadas e auto-suficientes, quando projetada na tela, é apresentada de modo desagradável e empregada para reforçar as formas antigas.¹⁸

¹⁸ MELLEN, 1974; HOOKS, 2011, p. 205.

A personagem Diane não é representada como desagradável, embora sua fragilidade possa ser interpretada como falha em uma perspectiva que busque igualdade e quebra de representações naturalizadas de feminilidade. Em parte a acentuação da beleza e da inteligência de Diane a tornam uma representação de mulher excepcional se considerarmos que com frequência as representações de mulheres emancipadas e autossuficientes em filmes recorre a imagens de mulheres não-belas e incapazes de amar.

Com frequência as representações de mulheres bonitas e inteligentes recorrem também a imagens de mulheres autoritárias com predileção por humilhar personagens masculinos e femininos, características marcadas para torná-las desagradáveis. Além da incapacidade de amar que marca essas personagens femininas, as vilãs, com o excesso de racionalidade são competitivas e invejosas, a exemplo disso temos a maioria das vilãs da Disney.

Outro exemplo cinematográfico pertinente de mulher racional e cruel é a personagem Miranda Priestly (Meryl Streep) no filme “*O diabo veste prada*” de 2003 cujas características da personalidade são a racionalidade e objetividade excessivas além da predileção para humilhar suas assistentes o que pode a tornar detestável.

Outro exemplo de personagem feminino cruel por ser racional e incapaz de amar é a Bruxa Má do Norte (Mila Kunis) no filme “*Oz*,

mágico e poderoso” de 2013, na narrativa do filme ela se torna cruel após sofrer uma decepção amorosa ao ser enganada pelo mágico Oz. A bruxa toma uma poção mágica que faz com que seu coração literalmente atrofie sua aparência também se torna horripilante, e após isso ela declara que consegue perceber sua situação mais claramente. Além de representar a clássica fábula da mulher mal amada e desagradável faz, também, uma clara referência ao aumento de sua racionalidade em detrimento da diminuição da esfera afetiva.

Esses exemplos foram apenas os mais corriqueiros, passíveis de lembrança, que trazem personagens femininas como desagradáveis. Caso o objetivo desse trabalho fosse o de elencar essas personagens a lista de personagens femininas com características que teoricamente as emancipariam, mas que, no entanto, as torna vilãs seria surpreendentemente grande.

1.3 Representação de Educação

O filme “Digam o que quiserem” é enquadrado na temática de *High School* por tratar de um jovem casal que conclui recentemente o Ensino Médio e encontra-se em um importante momento de decisão de suas vidas. Eles devem escolher qual será o rumo que darão para o seu futuro, se irão continuar os estudos e ingressar no ensino superior, ou irão trabalhar e que tipo de trabalho exercerão.

Nesse sentido a trajetória dos personagens principais é bem marcada. A jovem Diane Court teve sua vida escolar planejada pelo pai com o objetivo de ingressar nas melhores universidades. O jovem, Lloyd Dobler, é apresentado com um estudante que ao concluir a etapa do Ensino Médio aparentemente não tem a pretensão de dar continuidade aos estudos. Ele já exercia atividade profissional como professor de Kickboxing e suas pretensões com relação ao futuro resumiam-se a estar ao lado da namorada a quem ele amava, e também, não exercer determinadas atividades que implicassem em atender aos imperativos de uma sociedade de consumo. Também não desejava trabalhar em instituições como o exército da qual seu pai fazia parte.

A representação de educação do filme chama a atenção para a importância da educação formal transmitida pela escola por um lado, mas por outro lado, apresenta também a possibilidade da educação formal não ser a única opção para o jovem concluinte do Ensino Médio. A personagem Diane representa a garota de sucesso por ser bonita e inteligente e a todo o momento essas qualidades são salientadas. Enquanto Lloyd representa a indecisão e incerteza com relação ao futuro.

Um aspecto que merece destaque é a origem social dos dois personagens, suas trajetórias e como isso se relaciona com suas expectativas com relação a educação. Por exemplo, Diane teve sua trajetória escolar planejada pelo pai, teve acesso a cursos extra escolares

por ter condições financeiras para tal, em nenhum momento do filme ela questiona as suas escolhas com relação a qual rumo seguir no futuro. A certeza com relação a educação pode ser em parte relacionada a sua origem de classe que reconhece a educação como valor.

Lloyd, por sua vez, pertencente à classe baixa com relação a Diane, mas também reconhecidamente pela sua estrutura familiar e modo de vida. Ele não tem certeza com relação ao futuro, mas em nenhum momento expressa a vontade de ingressar no ensino superior, assim como também não diz o contrário. No entanto, o fato de ele não reconhecer, assim como Diane, na educação uma possibilidade para o futuro talvez esteja ligado a sua recusa de fazer parte de uma lógica puramente capitalista de comprar, vender, processar e reparar coisas para as grandes corporações. E por esse motivo ele se sente satisfeito como professor de kickboxing.

A cena do filme que nos remete a priorização da educação acontece quando o pai de Diane, Jim, vai dar à garota a notícia de que ela foi aceita em uma das melhores universidades inglesas. O diálogo que compõe a cena coloca Diane no topo da pirâmide:

“Listen! You’re the best in the country! Don’t you understand? It’s like a pyramid. It starts with everyone... and it narrows through your life. The competition narrows it down to one brilliant person... Who is so special they

celebrate you on two continents. It's you. And it narrows through your life”¹⁹.

Com esse fragmento do filme é possível ilustrar como o sucesso escolar é atribuído somente às potencialidades individuais e não como o resultado de um processo escolar de eliminação diferencial segundo classes sociais, produto de ação contínua de fatores que denominam a posição de diferentes classes em relação ao sistema escolar, a saber, o *capital cultural* e o *ethos de classe*, e por outro lado, esses fatores se convertem e se acumulam, numa constelação particular de fatores de transmissão que apresentam para cada categoria considerada (classe ou gênero) uma estrutura diferente.²⁰

Em linhas gerais para Bourdieu e Passeron²¹ a função específica do sistema escolar consiste em dissimular sua função objetiva com relação à estrutura social que é a de perpetuação das desigualdades entre as classes sociais. Essa dissimulação só é possível graças ao reconhecimento de sua legitimidade garantindo a representação de sua neutralidade ao ser responsável pela distribuição de capital cultural entre as classes. Dessa forma a escola opera para além da função de

¹⁹ Ouça! Você é a melhor em seu país! Você não entende? É como uma pirâmide. Começa com todos... e vai se estreitando através de sua vida. A competição filtra os resultados a uma pessoa brilhante... Quem é tão especial que eles celebram em dois continentes? É você. E vai se estreitando através de sua vida. (Tradução Nossa).

²⁰ BOURDIEU; PASSERON, J. C. A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1975.

²¹ *Id.*

inclusão intelectual e moral, não obstante, opera também na conservação da estrutura das relações sociais.

O fragmento do filme no qual o personagem Jim, pai de Diane, salienta que sua filha é a mais brilhante de dois continentes e ela se destacou em relação à concorrência com os outros, reforça o imaginário de que o sistema escolar produz indivíduos igualmente aptos às exigências da nossa organização social justificando as noções de méritos. Desconsidera o lugar de origem desses indivíduos, os distintos processos de socialização a que os indivíduos são submetidos antes e durante seu ingresso no sistema escolar, e de que forma esses processos influenciarão objetivamente na relação com a aprendizagem e suas perspectivas com relação à educação formal.

Considerações Finais

O presente trabalho procurou investigar, ainda que de forma breve, como a análise imagética pode ser tomada como objeto de estudo para as Ciências Sociais. Como principal objetivo procurou-se identificar quais os discursos fílmicos presentes no filme “Digam o que quiserem” em perspectiva com outros filmes.

Como parte do resultado das investigações do grupo de pesquisa *Olhares sobre a escola: a educação nos discursos de entretenimento* os eixos temáticos de gênero e raça também fazem parte da constelação

de assuntos que o grupo busca abordar. Num primeiro momento o grupo voltou seu olhar para a temática das representações de gênero e escola proporcionadas pela produção cinematográfica. O filme “Digam o que quiserem” foi selecionado para análise por tentar de certa forma desconstruir os estereótipos sexistas das características de feminino e masculino.

No entanto, à medida que as discussões foram ocorrendo percebeu-se que, ao contrário do que se esperava, o filme reforça estereótipos, como o de Diane, que apesar de ser reconhecidamente uma mulher que possui os signos de poder, como beleza e inteligência, não é capaz de se emancipar no sentido de deixar de ser dependente emocionalmente de uma figura masculina. Em contrapartida, o personagem Lloyd Dobler é mostrado como homem cuja única prioridade é amar Diane. Em certa medida Lloyd contraria as representações recorrentes de masculinidade puramente racional de outros filmes do mesmo gênero em que a prioridade para o homem é preparar-se profissionalmente para ser o provedor de sua futura família ou, ainda o reduz a um mero predador sexual.

A representação de educação veiculada no filme demonstrou reforçar o imaginário de que as conquistas individuais são, única e exclusivamente, produto dos esforços individuais. O que contraria inúmeras teorizações sobre o sistema educacional e a sua estrutura, na qual diferentes elementos devem ser levados em consideração ao se

fazer análises sobre as diversas trajetórias escolares e o sucesso ou insucesso dos indivíduos no decorrer do processo educacional.

Uma das prioridades da presente análise foi destacar a importância do cinema enquanto objeto de estudo e como produtor de identidades. Nesse sentido, cabe indagar-se sobre o significado de um filme com condições de desconstruir estereótipos de feminilidade dependente emocionalmente, pelas características excepcionais da personagem principal, e que, no entanto, reforça representações de fragilidade e dependência feminina. Indica interesses culturais de reprodução da submissão da mulher. Uma vez sinalizados os interesses culturais torna-se possível a ampliação e alteração das possibilidades de representações por padrões não-hegemônicos.

Bibliografia

BOURDIEU; PASSERON, J. C. **A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino.** Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1975.

GORA, Susannah. *You Couldn't Ignore me If You Tried – The Brat Pack, John Hughes, and Their Impact on a Generation.* New York: Three Rivers Press, 2011.

HOOKS, Bell. “De quem é essa buceta?: um comentário feminista. IN: **Mulheres, Homens, Olhares e Cenas.** Curitiba: Editora UFPR, 2011.

MACDOUGALL, David. *Significado e ser*. IN: BARBOSA, Andréa. CUNHA, Edgar Teodoro da. HIKIJI, Rose Satiko Gitirana. (Orgs.) **Imagem-conhecimento – Antropologia, cinema e outros diálogos**. Campinas: Editora Papyrus, 2009.

METZ, Christian. *Historia/ Discurso* (notas sobre dois voyeurismos). In: XAVIER, Ismail (Org.). **A experiência do cinema: antologia**. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1983.

PAULA, Anna Beatriz. “*Cinema Popular Indiano: o feminino interrompido*.” IN: **Mulheres, Homens, Olhares e Cenas**. Curitiba: Editora UFPR, 2011.

SHOHAT, Ella; STAM, Robert. **Crítica da imagem eurocêntrica**. São Paulo: CosacNaify, 2006.

Filmografia:

Oz the Great and Powerful. Direção de Sam Raimi. E.U.A: Walt Disney Pictures: Dist. Disney / Buena Vista, 2013. 1 filme (1h27min), sonoro, legenda, colorido.

Rocky IV. Direção Sylvester Stallone. E.U.A: MGM / United Artists: Dist. G7 Cinema, 1985. 1 filme (90min), sonoro, legenda, colorido.

Say Anything. Direção de Cameron Crowe. E.U.A: Universal Pictures: Dist. PolyGram FilmEntertainment, 1989. 1 filme (1h40min), sonoro, legenda, colorido.

The Devil Wears Prada. Direção de David Frankel. E.U.A: Fox 2000 Pictures: Dist. Fox Filmes, 2006. 1 filme (1h10min), sonoro, legenda, colorido.

Thirteen. Direção de Catherine Hardwicke. E.U.A: Working Title Films / Antidote Films / Venice Surf Club / Michael London Productions: Dist. 20th Century Fox Film Corporation, 2003. 1 filme (100 min), sonoro, legenda, colorido.